

CARLOS MOURA



JEFFERSON RUDY



Luiz Alberto (E), suplente, e Garibaldi (D), no primeiro mandato: elogios pela ação desenvolvida na CPI

Desconhecidos vivem dias de glória no palco da CPI

Angela Romito

A CPI do Orçamento, além de dar ao País a oportunidade de tentar extrair de seu cotidiano o câncer da corrupção, está contribuindo também para promover novas



estrelas na política brasileira. Mas o outro lado da moeda são os 15 minutos de fama que alguns membros da comissão estão vivendo e que, certamente, lhes trará dividendos políticos. E num ótimo momento: o Brasil está às vésperas das eleições gerais de 1994.

Esse não é, porém, a real intenção dos membros da CPI. Pelo menos é o que acha seu presidente, o experiente senador Jarbas Passarinho (PPR-PA). Ele identifica como gratas surpresas os desempenhos de alguns parlamentares. "Alguns eu nem conhecia, porque estão em seu primeiro mandato", observou Passarinho, emendando logo em seguida que "estão atuando bem".

Palanque — Passarinho admi-

te porém, evitando citar nomes, que certos membros da CPI estão agindo como se estivessem num palanque eleitoral. "Eles gostam de partidarizar, mas tem dado para controlar", garantiu ele, sem, no entanto, conseguir controlar seu já conhecido bom humor.

Nesses últimos dias Passarinho teve mais trabalho para controlar essa partidarização. O PMDB, que até então estava quieto — um dos mais atingidos com a investigação e que está vendo suas estrelas escorregando na lama do Orçamento — começou a reagir contra a tentativa do PSDB e do PDT de defenderem seus parlamentares que começaram a cair na malha das apurações.

"Tenho que ressaltar o papel ético do PMDB, que, além de me dar a presidência da comissão (o PMDB abdicou do cargo por ter um grande número de parlamentares acusados), nunca fez qualquer tipo de tentativa de me sondar", revelou.

O ex-ministro fala com simpatia, porém, da acirrada disputa entre parlamentares do PT e do PDT. "Eles quase pedem simultaneamente a mesma coisa", observa ele, referindo-se particularmente ao petista Aloizio Mercadante (SP) e ao líder pedetista Luiz Salomão (RJ).

Orçamento

O senador pernambucano Ney Maranhão (PRN), do alto de seus 40 anos de vida pública, admite a atuação dos "palanqueiros", mas ressalta que, no fundo, o objetivo é passar esse País a limpo. "Numa maioria esmagadora, são parlamentares que estão se dedicando de corpo e alma ao trabalho, mesmo com a desagradável tarefa de ter que investigar amigos diletos", comentou Maranhão, membro da CPI.

Acerto — O líder do PSDB no Senado, Mário Covas (SP), atribui o bom desempenho dos integrantes da CPI à escolha acertada das lideranças. "Todos estão tentando se superar para oferecer uma participação mais significativa à CPI", ressaltou Covas, revelando que as lideranças procuram escolher parlamentares que possam dar uma boa contribuição para a elucidação das denúncias.

Já o senador capixaba Elcio Alvares (PFL) destaca a sobriedade de todos no encaminamento dos trabalhos. Ele não admite que esteja havendo estrelismos. "É falsa essa afirmativa. O que está acontecendo é que todos estão preocupados em solucionar os problemas da CPI e isso está sendo interpretado como estrelismo", afirmou.